

APRESENTAÇÃO

"Enquanto satisfaz apenas as exigências técnicas e funcionais, não é ainda arquitetura; quando se perde em intenções formais e decorativas, tudo não passa de cenografia; mas quando – popular ou erudita – aquele que a ideou, pára e hesita ante a simples escolha de um espaçamento de pilares (...) transmitindo assim ao conjunto ritmo, expressão, unidade e clareza, – o que confere à obra o seu caráter de permanência: isto sim, é arquitetura"

Lúcio Costa, *Registro de uma vivência*, p. 119.

Difícil questão esta que se coloca diante da arquitetura. Entre ater-se às exigências técnicas e perder-se nas intenções formais, inumeráveis abismos se apresentam ao ato de conceber e construir. O arquiteto Lúcio Costa nos oferece, entre tantas, uma saída para a questão: *o hesitar*. A necessidade da dúvida permite a coexistência tanto das questões de ordem material, construtiva, quanto das questões de ordem conceitual, imateriais, num mesmo processo gerador.

Tão ou mais difícil é a manutenção do exercício cotidiano desta dúvida, desta hesitação diante do mundo, deste estranhamento. A arquitetura não trabalha com certezas, pelo contrário, constrói a partir do questionamento. O ofício de ensinar arquitetura insiste, ou persiste, no estranhamento, nesta visão primeira das coisas, que é o ponto possível de sobreposição entre os aspectos materiais e imateriais do espaço. O professor Lúcio Costa, também para esta questão nos oferece uma saída, quando diz: *"Trata-se, em suma, de uma sucessão de escolhas ..."* que juntas, partindo de boas perguntas, formam a melhor resposta.

Esta revista pretende ser um canal aberto para a possibilidade e o espaço da dúvida, da hesitação. Pensar a arquitetura é, fundamentalmente, uma proposta interdisciplinar que busca não o objeto mas suas relações. Este número traz uma coletânea de artigos que revelam dois diferentes enfoques da mesma realidade.

Um primeiro, centrado na compreensão da materialidade do objeto arquitetônico, entendido aqui desde sua manifestação individual – edifício – até o coletivo – cidade. Os artigos "Arquitetura em Aço, uma Abordagem para a Elaboração de Projetos" e "Problemas de Conservação em Construções Típicas de Minas Gerais" se aplicam à individualidade do edifício, enquanto os artigos "Arquitetura e Energia" e "Reconstrução e Imitação como Alternativas da Conservação" tratam a coletividade do espaço urbano. Todos eles têm em comum o fato de partirem dos aspectos construtivos ou materiais para apresentarem suas questões, ou hesitações, sobre algum aspecto da arquitetura.

Um segundo enfoque aponta para a imaterialidade da arquitetura. Os artigos "A Torre", "Es-

paços Urbanos na Aldeia Global: Reflexões Sobre a Condição Urbana no Capitalismo no Final do Século XX" e "A Carnalidade do Tempo" discutem dimensões menos mensuráveis do objeto arquitetônico, apontando para um vértice conceitual, essencial. A revista se completa com um último artigo, "A Lagoinha e suas Imagens, a Refiguração do seu Presente", que se coloca como ponte entre os dois enfoques acima discriminados, uma vez que transita tanto pelos aspectos materiais quanto imateriais e apresenta uma análise marcada pela interdisciplinaridade.

A cidade, hábitat humano por excelência, se revela mais pelas relações estabelecidas do que pelas análises quantitativas, individualizadas. A interdisciplinaridade parece ser a única forma possível de compreensão do fenômeno urbano, no sentido da generosidade, da superação dos preconceitos, do exercício da dúvida, da hesitação. Ao transitar no campo do outro, tanto autor quanto leitor se revelam diversos e, inesperadamente, descobrem-se.

Esta revista pretende contribuir para a sistematização do conhecimento relativo à arquitetura e permitir a realização do conselho de Roland Barthes: "Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e o máximo de sabor possível".

Departamento de Arquitetura e Urbanismo
dezembro de 1995